



Um CSI dos computadores exclusivamente português

A **VisionWare** está na linha da frente do combate ao ciberterrorismo.

Quando um ministro ou presidente de banco central aperta a mão a Bruno Castro, desconhece o dilema de carreira que se atravessou na consciência deste consultor por volta dos 14 ou 15 anos: nessa altura, a tratar por tu computadores e programas informáticos desde pequenino, Bruno Castro soube que iria ganhar muito dinheiro com *bits* e *bytes*. A questão era saber se a roubar... ou a impedir que se roubassem empresas e instituições em todo o mundo.

Para bem de muitas empresas e departamentos de governo e polícias de investigação criminal em vários países, montou com um grupo de amigos a VisionWare, uma empresa que certifica sistemas de segurança informática para a União Europeia, testa esses sistemas contra ameaças externas e – eis o factor inovação – desenvolve trabalho forense e de investigação para apanhar os maus da fita.

Boa parte da actividade da VisionWare e dos seus funcionários parece saída de um filme: quando se desloca a um país do Médio Oriente para testar a segurança de um sistema de distribuição de energia ou a Cabo Verde para descobrir de onde e de quem partiu um ataque à informação financeira de uma empresa, o secretismo, a segurança pessoal e a tensão extrema passam a rotina e os consultores da VisionWare precisam de ter nervos de aço. «Pela natureza da nossa actividade, o nosso trabalho é confidencial, mas

posso revelar que trabalhamos com departamentos de defesa em Portugal, o banco central de Cabo Verde, empresas de diversos perfis em Angola e na Argélia, com polícias judiciais e tribunais, com a Procuradoria-Geral da República, com agências espaciais, com a Comissão Europeia...», enumera Bruno Castro, lembrando que a VisionWare é uma empresa certificada pelo Gabinete Nacional de Segurança e monitorizada pelo SIS, pelo que não pode propriamente distribuir e pedir cartões-de-visita por aí.

«Trabalhamos a vertente *compliance*, isto é, da certificação de segurança aos sistemas informáticos, sem a qual as instituições não poderiam operar no mercado, e somos especialistas em intrusão, com monitorização e teste constante dos sistemas, criação de armadilhas em face de ataques e ameaças, inovando ainda num serviço que é o da investigação dos crimes e colaboração com as autoridades na descoberta dos criminosos.»

Se houvesse um CSI para computadores, Bruno Castro seria uma espécie de Grissom ou Horatio, mas quando se lhe pergunta qual o papel que melhor lhe assenta, o de informático ou de gestor, realça: «Acho que me vou ver sempre como um consultor. Vou ao cinema e fico a ver onde estão as falhas de segurança, vou ao restaurante e detecto falhas de segurança», ri, demonstrando o grau de comprometimento que faz da sua VisionWare, ao fim de seis anos, uma PME

A INOVAÇÃO PERMITE PREVENIR AMEAÇAS EM SEGURANÇA INFORMÁTICA.

A investigação de crimes informáticos também faz parte do trabalho de Bruno Castro.

«O seu negócio, a nossa missão» é o lema

PME líder no seu sector, conta com um quadro de trinta a quarenta colaboradores e abriu o capital à Edisoft, a agência portuguesa para o desenvolvimento de *software*.

Facturou cerca de 2,5 milhões de euros em 2010, destacando-se pelo facto de ser a única a trabalhar na vertente forense da segurança informática.



líder no seu segmento e, mais do que isso, um caso sério de sucesso.

A facturação em 2010 rondou os 2,5 milhões de euros e tudo isso passa pela grande capacidade de trabalho de um grupo de pessoas com estatura ética impenetrável, grande capacidade de trabalho e o requisito máximo que acaba por deixar de fora muitos candidatos à VisionWare: «O consultor tem de saber tudo, mas tudo, de *bits* e *bytes*, e também a forma de explicar tudo isso sem usar uma única vez um *bit* ou um *byte*. Quem

nos procura são os gestores de topo das empresas, decisores últimos nas instituições, e esses não querem saber de zeros e uns. Por isso, recusamos muitos génios informáticos que não conseguem ser interlocutores para os nossos clientes.»

O ciberterrorismo, admite, é a grande preocupação em todo o mundo e os alvos podem ser em todo o mundo e os alvos fábricas de alimentos infantis. Não há limite para a ousadia, logo «não pode haver limite aos testes de segurança», afirma Bruno

Castro. Regressado de Cabo Verde escassas horas antes do encontro com a *NS'*, o gestor da VisionWare tinha sido procurado pelo dono de uma empresa a quem apagaram do sistema informático toda a informação relativa a facturação. «Num ápice, ficaram sem saber o que tinham recebido, o que estava por cobrar e o que iam ainda receber...» A VisionWare e descobriu quem e quem – e Bruno Castro só deixou o arquipélago quando os investigadores ficaram na pista do criminoso. T. L.M.